

RESENHA

Barbudos, sujos e fatigados

**CAMPIANI, César Maximiano. *Barbudos, sujos e fatigados*.
São Paulo: Grua Livros, 2010.**

Daniel Mata Roque ^a

A análise do livro *Barbudos, sujos e fatigados*, de Cesar Campiani Maximiano, nos remete a um texto denso e extenso.

A obra, publicada em 2010 e trazendo material de pesquisa e depoimentos de veteranos registrados desde o final da década de 1980, está inserida na grande “redescoberta da FEB”. Após o esquecimento a que esteve relegada no pós-guerra imediato e mesmo durante o período do Regime Militar, com pouca expressão ou representação fora dos próprios quartéis ou das

associações de ex-combatentes, a memória da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, virtualmente sintetizada como “febiana” (FEB, Força Expedicionária Brasileira), viu-se resgatada e fortalecida após a chamada redemocratização e a Constituição de 1988.

A partir do final dos anos 1980 o tema gradualmente passou a ser abordado em documentários, trabalhos acadêmicos, novas produções literárias, programas de televisão e cerimônias públicas, revivido com novos

a Cineasta e historiador, doutor em ciências. Associado Titular Emérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, presidente da Associação Nacional dos Veteranos da FEB.



olhares e sob novas análises por intelectuais profissionais e amadores, por críticos e, principalmente, admiradores.

São significativos no período os lançamentos dos filmes *Rádio Auriverde* (Sylvio Back, 1990); *Senta a Pua!* (Erick Castro, 1999); *A cobra fumou* (Vinicius Reis, 2002); *O Lapa Azul* (Durval Lourenço Pereira, 2007); *O Brasil na Batalha do Atlântico* (Erick Castro, 2012); *A Estrada 47* (Vicente Ferraz, 2013); *Homes da Pátria* (Gastão Coimbra, 2015), e dos livros *A Nossa Segunda Guerra* (Ricardo Bonalume Neto, 1995); *A FEB por um soldado* (Joaquim Xavier da Silveira, 2001); *História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial* (coordenação de Aricildes de Moraes Motta, 2001, em oito volumes); *A FEB pelo seu comandante* (João Baptista Mascarenhas de Moraes, 2005, terceira edição); *Barbudos, sujos e fatigados* (Cesar Campiani Maximiano, 2010); *1942: o Brasil e sua guerra quase desconhecida* (João Barone, 2013); *Vozes da Guerra* (Sirio

Sebastião Fröhlich, 2015), dentre muitos outros. É, portanto, momento de profícua reflexão e de elaborado resgate e estudo do tema, uma geração que sucede ao grande volume de livros de memórias publicados pelos veteranos ao longo dos anos, muitas vezes em edições caseiras de tiragens bastante limitadas, quase familiares.

O livro de Maximiano é, dentro do rol, de notável destaque. Ao revelar-se fruto de pesquisas de mais de duas décadas e trazer minucioso levantamento de fontes e depoimentos, bem como rica discussão historiográfica, mostra-se capaz de um nível mais profundo de discussão.

Não se trata de descrever as memórias de ex-combatentes, de acusar ou enaltecer os feitos em combate, de teorizar a história ou criticar fatos tidos como unânimes, mas de fazer tudo isso conjuntamente, entrelaçado de análise detalhada e criteriosa.

A obra reúne vasto material de fontes primárias, documentos e depoimentos, colocando em



discussão basicamente todas as obras produzidas até então, em um profícuo debate, sobre o Brasil na Segunda Guerra Mundial, estabelecendo ainda análises comparativas com nações aliadas e inimigas durante o confronto.

Não é muito provável que haja uma obra definitiva, em abrangência e profundidade, sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Ou sobre qualquer outro tema. Se houver, no entanto, sobre a FEB, esta será, ainda hoje, *Barbudos, sujos e fatigados*.

A obra, adaptada da tese de doutorado do autor, em sua estrutura acadêmica e formal, apresenta análise equilibrada e embasada, despida, para publicação, de alguns academicismos

vistos como “exagerados”. Relevante ainda observar que o autor, civil e historiador de formação, exibe profundo conhecimento militar, não apenas de fatos históricos, mas de estrutura administrativa, armamento, pensamento e doutrina. O livro é

verdadeira imersão em um contexto socio-político do passado.

É interessante notar que, já na introdução ao livro (p. 30), o autor deixa clara sua admiração pelos veteranos da FEB, resultado de intenso con-

vívio. Dentre esse grupo de veteranos é possível ainda notar, ao longo da leitura, maior destaque dado aos ex-combatentes paulistas do 6º Regimento de Infantaria da FEB, possivelmente pelo maior convívio na mesma cidade.





Nessa admiração não há, no entanto, nenhum prejuízo para sua análise crítica. Ao contrário. A isenção total é objetivo utópico, e é valioso que o autor apresente a realidade de seu lugar social e das inevitáveis interferências alheias ao processo analítico que sofreu na construção da pesquisa. O texto conserva, como necessário ao cientificismo acadêmico, o rigor da produção.

O grande número de depoimentos colhidos via história oral – principal fonte que ampara as discussões, ao lado das memórias publicadas –, lidando com testemunhas oculares e agentes históricos, confere peso e respaldo à obra, principalmente quando combinados dialeticamente. Ao final, uma listagem completa revela o substancial número de noventa e oito veteranos entrevistados.

O rigor metodológico revela-se em extenso trabalho com fontes primárias, documentais e literárias, com fortalecimento da estrutura acadêmica. Este rigor não impede, no entanto, alguns

casos isolados de adjetivações fortes e alguma linguagem áspera dentro do texto, como na crítica a uma “hedionda escultura pós-moderna” (p. 234) defronte ao Monte Castello, à “camarilha de sinecuristas do governo brasileiro instalados em Roma” (p. 234) ou a “uma visão desgastada e mambembe” que faz com que “atualmente milhares de infelizes alunos tenham sua inteligência torturada por mestres que pararam de ler na década de 1970” (p. 30).

O maior valor da obra aqui analisada, no entanto, está na discussão historiográfica crítica que traz à luz, condensando e desbastando praticamente toda a produção acadêmica ou memorialística sobre o tema, no Brasil e no exterior. Parece não haver material sobre a FEB que Campiani não tenha lido. E relido.

Propondo desmistificar, com dados e lógica, tópicos largamente difundidos até então, o autor traça, no primeiro capítulo, verdadeira radiografia da formação e composição da FEB (p. 58-61),



atacando lugares comuns outrora supostamente pacificados, como a dificuldade de adaptação da doutrina francesa à americana como maior dificuldade para os primeiros combates da FEB, o baixo nível educacional e o analfabetismo dos convocados, a “fuga” dos filhos das elites brasileiras do alistamento, bem como o suposto tipo físico raquítico dos combatentes. Para esse último ponto, apresenta excelentes tabelas com dados antropométricos, tamanho do fardamento e dos calçados mais utilizados na FEB. Diagnostica assim, particularmente nos correspondentes de guerra da época, um certo germe fundador da ideia equivocada, uma tentativa de reforçar o mito do “Brasil puro e autêntico” (p. 56), do caboclo despreparado que, com o jeitinho brasileiro, derrotaria o alemão arrogante.

Essa discussão historiográfica é marca bastante forte e prossegue por todo o texto, com a análise crítica da própria literatura febian, reafirmando isenção e cientificismo. Vemos esses

questionamentos em instigante análise de fato muito explorado na bibliografia oficial e nas memórias sobre a FEB, qual seja, a incidência de “pé de trincheira” na tropa brasileira (p. 176-177), em que promove debate com a clássica obra de Manoel Thomaz Castello Branco, *O Brasil na II Guerra Mundial*.

Outra autora clássica, também ex-combatente, que é questionada academicamente por Campiani é Elza Cansanção Medeiros, quando esta sustenta que “o tedesco tinha medo de faca” (p. 174), dentre outros possíveis “causos” relatados em obras como *Nas barbas do tedesco* (1955) e *E foi assim que a cobra fumou* (1987).

Este é, portanto, o caminho traçado pela obra, aliando, como registrado, volumosos depoimentos frutos de história oral com ex-combatentes, endossando e contrapondo argumentações, para extrair uma análise criteriosa e fidedigna do evento histórico.



Vale ressaltar ainda, de outro lado, a exploração de temas pouco valorizados ou ainda não conhecidos desta história. Destaca-se a pesquisa sobre o exemplo da FEB, para o próprio Ocidente, como tropa racialmente não-segregada e o espanto que causou aos pracinhas as tropas segregadas americanas, com batalhões separados de soldados negros, comandados por oficiais brancos (p. 338-346). O autor propõe que a FEB possa ter dado efetiva contribuição para o movimento dos direitos civis nos EUA, com correspondentes de jornais voltados para os negros americanos noticiando a FEB como exemplo de união racial.

O autor, em possível esforço para uma leitura mais agradável e fluida quando da transformação da tese em livro, faz uso modesto de notas de referência, o que, em alguns poucos casos, pode frustrar o leitor-pesquisador. Exemplo é o trecho em que o autor afirma que “Registros médicos do V Exército Americano indicam que o núme-

ro de diagnósticos desse mal [pé de trincheira] na divisão brasileira esteve acima da média de todas as unidades combatentes na Itália” (p. 177). Não há, no entanto, nenhuma referência ou indicação sobre a fonte exata destes “registros médicos” – apesar da menção aos National Archives ao final e a outros relatórios específicos –, o que faz falta, principalmente sendo o assunto objeto de controvérsia entre variados autores.

O texto do livro é, sem dúvida, bem escrito e de leitura agradável, com domínio da língua portuguesa e sem o uso “difícil” do idioma. Atinge, assim, este precioso objetivo: clareza, fluidez narrativa. Em nada comprometeria tal qualidade uma maior incidência de notas de referência, particularmente se estas se encontrassem ao rodapé da página, ao invés de nas páginas finais do livro, o que forneceria maior dinamismo à consulta. Na dúvida, sou sempre pela nota de rodapé!



Barbudos, sujos e fatigados, de Cesar Campiani Maximiano, é uma grande contribuição à historiografia nacional e um livro indispensável para qualquer pesquisador da Força Expedicionária Brasileira.